



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA COMUNITÁRIA
PROFESSORA VERÔNICA MORAIS XIMENES**

**JONATAS DE AZEVEDO FEITOSA
MARCELO SILVA MEIRELES SALES
MARCOS GABRIEL DE SOUSA MARTINS**

TRABALHO FINAL

FORTALEZA

2021

Introdução

O sentimento de pertencimento a uma comunidade é algo que constitui a identidade de muitas pessoas em todo o mundo, se tornando algo essencial na vida dessas pessoas. É possível observar isso ao olhar para diversos conflitos que se desencadeiam ao redor do globo: a eterna disputa entre Israel e Palestina em relação à quem pertence Jerusalém; o movimento político presente na região da Catalunha, na Espanha, que visa a independência desta região com o resto país, e diversas outras questões que corroboram com a frase de início. Há nestas regiões uma relação profunda com a comunidade capaz de construir uma raiz identitária com o local, e no caso dos exemplos citados é justamente a identificação (ou a tentativa de imposição de uma) com o território que produz os conflitos apresentados. Góis (2005) evidencia que esta identificação é consequência da apropriação do indivíduo em relação ao seu ambiente. A apropriação seria o “modo como o indivíduo se adapta transformando a si mesmo e ao mundo” (Góis, 2005) e desta forma construindo sua identidade juntamente com a cultura, elementos estes que se complementam ao longo da história de vida do sujeito. Portanto, é possível concluir que a construção de identidade com a comunidade se torna abalada quando o processo e os meios para a apropriação são retirados deste contexto.

Uma região em que é possível encontrar os elementos descritos por Góis é a região do Mucuripe, em Fortaleza. É um local onde em muitos casos, se encontra em harmonia com os habitantes, como no caso dos pescadores que obtém seu sustento através do mar do Mucuripe, as vendedoras e artesãs daquele local, e muitos outros casos onde o pertencimento é algo inerente à identidade. Além disso, é uma região que possui uma gama de patrimônios históricos que ajudam a entender a história por trás do bairro (que nem sempre foi o bairro como é representado hoje), como ajudam a entender a história da própria cidade de Fortaleza.

É uma comunidade rica de histórias, que passou por diversas transformações que mudaram a forma que os seus habitantes se relacionam com sua terra. Para que houvesse uma devida coleta de conhecimento acerca das transformações e principais características do Mucuripe e entender sua ligação com os moradores da região, se fez necessário ouvir um participante da comunidade,

participante esse que produz uma atividade na região sobre o próprio Mucuripe. Para essa escuta, foi realizada uma entrevista com Diêgo di Paula, o gestor de um acervo de documentos e recordações que contam a história da região do Grande Mucuripe, uma área que ao longo do tempo foi dividida em bairros da orla de Fortaleza, o que impactou na vida dos moradores daquela região. Seu papel na comunidade se assemelha ao conceito de mapeamento comunitário descrito por Lima e Bomfim (2012) ao realizar uma atividade com o objetivo de reunir informações demográficas, relatos e fotografias, além de diversos outros registros sobre a região. Seu trabalho se encaixa tanto nos aspectos de mapeamento interno quanto externo, conceitos explicados por Oliveira e Diogo (2002 apud Lima e Bomfim, 2012), pois além de reunir informações mais objetivas sobre a comunidade, trabalha também com a população e os aspectos subjetivos, identificando os fatores negativos e positivos daquele contexto. Além disso, é um morador da região, fato que contribui para uma visão mais aproximada e genuína daquela realidade. Diêgo evidenciou diversos problemas que envolvem a sua região, que vão desde como repercutiu a fragmentação do antigo Mucuripe, até a relação dos habitantes com o fato de o Grande Mucuripe ser um ponto turístico bastante visado pelas empreiteiras que investem em imóveis e reformas na área que alteram o aspecto original da comunidade, cedendo espaços para grandes condomínios e prédios comerciais e residenciais.

Para a entrevista, foi utilizada a plataforma Google Meet, visto que diante das condições impostas pela pandemia da COVID-19, o encontro presencial se tornou algo inviável para a equipe e para o entrevistado, sendo a conversa gravada para análise posterior. Assim, foi possível a obtenção de relatos de um próprio morador do Mucuripe, que contribuiu com sua perspectiva acerca do ambiente onde vive, além de nos mostrar também uma visão abrangente sobre o bairro, devido às histórias coletadas através do seu papel na comunidade.

Caracterização dos aspectos relevantes da comunidade/bairro

Baseado na escolha do grupo de focarmos nossa avaliação e estudo no bairro Mucuripe, e em paralelo com a disciplina, achamos pertinente antes de apresentar aqui alguns dos vários aspectos importantes sobre o grande Mucuripe

ressaltar um pouco sobre a sua História e o contexto no qual o bairro surgiu, já que como Marcus Cícero salientou - A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos.

A palavra “Mucuripe”, originada da língua tupi, tem várias etimologias possíveis, uma delas é que José de Alencar cita em uma de suas obras mais famosas, o romance Iracema, onde a palavra “Mocoripe” é formada na junção da palavra ‘corib’ que significa alegria e de ‘mo’ que é abreviatura do verbo “monhang” que significa fazer. Outra etimologia possível é de que a palavra viria do termo “mukurype” que significa “no rio dos bacurizeiros”.

Tendo a comunidade do Castelo Encantado, Santa Terezinha, São Pedro e Serviluz no território do Mucuripe, especula-se que essa região foi visitada pelo navegador espanhol Vicente Yáñez Pinzón, antes do próprio Pedro Álvares Cabral, em meados de 1500 e batizando o local de “Cabo de Santa Maria De La Consolación”. Já em 1649 quando os holandeses chegaram ao Ceará o Mucuripe foi o local onde ancoraram.

Em 1891 foi construído uma estação de trem e nos anos seguintes o farol do Mucuripe que serviu de apoio ao porto de Fortaleza. Em 1940 o Mucuripe foi escolhido para ser criado um porto, o porto do Mucuripe, ajudando assim a culminar no que começou a ser uma migração maior de pessoas ao bairro. De 1950 até os dias atuais o bairro foi aumentando e deixando de ser uma vila de pescadores para ser um bairro populoso e diverso, se tornando um dos locais de maior especulação imobiliária no Ceará.

Ao deslocarmos nosso olhar para um Mucuripe mais atual vemos, a partir do censo 2010, que o bairro tem 13.747 habitantes espalhados pelas quatro comunidades, residentes no bairro temos em sua maioria mulheres compondo 54,42% da população. Além da faixa de praia e o mar que agregam e fazem parte do que o bairro é e como começou, citado anteriormente, também existem vários outros aspectos relevantes ao bairro como a capela de São Pedro localizada na avenida Beira Mar. Mais do que apenas um local religioso para pessoas de determinada religião, a capela de São Pedro, que resiste até os dias atuais em meio a condomínios de luxo e toda a urbanização da avenida Beira Mar, foi fundada em 1852 para substituir outro prédio que foi destruído pelas dunas. Anos depois a capela foi fechada pelos órgãos da igreja na época, porém sete anos depois aconteceu a reabertura, em 2007 o prédio iria ser demolido quando pescadores e

devotos de São Pedro e Nossa Senhora da Saúde fizeram protestos e em seguida a secretaria de cultura de Fortaleza tombou a capela e os festejos ao respectivo padroeiro como patrimônio cultural de Fortaleza fazendo da capela não apenas um local de devoção religiosa mas também sendo um prédio histórico.

Outro aspecto relevante para o bairro é o turismo, como dito anteriormente com o bairro mudando de uma vila de pescadores para um bairro diverso também veio junto o turismo, e não dá para falar de turismo sem citar o mercado dos peixes. Fundado na década de 1960 o mercado dos peixes de Fortaleza veio para ajudar na comercialização de peixes e frutos do mar no local, além de a prefeitura assegurar que os pescadores que ali moravam não vendessem em via pública, e assim criaram boxes e distribuíram entre eles para tal atividade econômica. Em 2013 o mercado foi reformado e atualmente ampliado para melhor atender a demanda dos clientes, visitantes de todas as partes do Ceará e do Brasil, e os pescadores que podem vender o fruto de seu trabalho em alto mar e garantir sua renda.

Ainda sobre o turismo no Mucuripe vale a pena ressaltar o mirante da comunidade de Santa Terezinha, comunidade essa que surgiu pouco depois em que a Beira Mar foi construída e os moradores daquele local foram remanejados para um pouco ao sul onde é hoje a comunidade Santa Terezinha. Com a forte especulação imobiliária dos anos 60 a 90, e que existe até hoje no Mucuripe, a comunidade foi crescendo e atraindo os olhares dos comerciantes e da classe média alta de Fortaleza, com uma forte resistência dos moradores a essa especulação imobiliária a comunidade tem hoje umas das vistas mais lindas da cidade e litoral da cidade segundo o historiador André Aguiar Nogueira.

Análise Crítica da Entrevista

Diêgo possui uma visão fortemente enviesada ao âmbito decolonial, o entrevistado se expressou como favorável a tópicos que nos surpreenderam, como a independência municipal do Mucuripe. Sob o escopo da América Profunda aos olhos de Góis et al. (2016), Diêgo se faz existir no mundo de uma maneira que se entrelaça com as epistemologias locais, a cultura viva, o saber dito, a comunicação e as formas de organizações sociais e políticas. Vive na Rua dos Cará, uma vila, cujos habitantes são todos pessoas da família ou amigos, a América que o interlocutor vive é nordestina, cearense, marginalizada, apesar de ser de uma área

central de Fortaleza, e violentada pelo estado e pelas pessoas que tomam a ideologia vigente como suas próprias armas. Com efeito, diante da diferença, nosso entrevistado entendeu com suas vivências uma das tarefas da Psicologia Comunitária, como funcionam e se formaram a sociedade e comunidade em que se vive. Vale ressaltar que o nome histórico da rua, não é reconhecido pela prefeitura. Entender a América Latina do Beco dos Cará é entender que, apesar daquele grupo estar inserido dentro de uma realidade urbana de multiculturalidade, seus membros dividem uma realidade com recorte étnico, social e histórico que os define e os faz definir o resto da cidade.

Sendo assim, os habitantes dessa comunidade, descendentes de nativos pescadores e rendeiras, herdam os meios de mero-estar através da cultura passada de geração em geração, claro que muito se perde mas é necessário ter noção que essa característica nos grandes centros urbanos é algo que, mesmo depois de séculos de processo de colonização, “nos impide de ser totalmente occidentales aunque nos los proponamos” (KUSCH, 2000 *apud* COELHO, 2016, p. 34). Evitando assim, a dominação completa do ser-alguém, modo europeizado de pensar e existir que é tão impulsionado pela classe média, pois ao viver uma vida não autêntica se faz necessário se render ao ser-estar, difundido desde os tempos das grandes navegações, e esse ser-estar, para populações da América Latina, se dá num contexto de capitalismo e desigualdade. Portanto, Diêgo ao manter vivas as tradições e culturas locais por meio do seu acervo pratica o pensar em Psicologia Comunitária, “propiciada pelo conceito de América Profunda, uma realidade apontando um horizonte ético, étnico, libertário e plural para o que fazer.” (GOIS et al., 2016)

Além disso, tomando como base o que propunham Lacerda Jr e Guzzo *et al.* (2009 *apud* XIMENES et al., 2014), a realidade vivida pela maioria das populações deveria ser tomada como ponto primordial de análise nas ciências humanas, o presente trabalho reitera, assim como o padre Martin Baró, a construção de um conhecimento psicológico capaz de se debruçar sobre a histórica condição de exploração e opressão vivida pelo povo latino americano e, em especial, cearense.

Potencialidades e fragilidades da comunidade/bairro

O Mucuripe hoje em dia é um bairro bastante popular, pois possui diversos pontos turísticos, incluindo uma praia, que provavelmente é o ponto mais popular da região. Esta popularidade ajuda a trazer mais visibilidade ao local, fazendo com que mais pessoas se interessem pela história que ali se desenvolveu ao longo dos anos. Além disso, o fator turístico ajuda na renda de muitas pessoas que possuem empreendimentos na área, como os vendedores que aproveitam o fluxo de pessoas para atuar no lugar, e este fator turístico ainda contribui também para o destaque de certos patrimônios, garantindo sua preservação.

Porém, apesar dos benefícios trazidos para a comunidade residente, existe um fenômeno oriundo desta popularidade que está contribuindo para a perda de elementos identitários do Mucuripe. Com uma grande concentração de hotéis, pousadas e condomínios, o Mucuripe se tornou uma região bastante cobiçada para a construção de imóveis e se tornou também um ponto a ser "renovado" para beneficiar aqueles que almejam transformar cada vez mais a área, sob o discurso de deixar a área mais urbanizada e agradável para possíveis compradores. Esta renovação do espaço acarreta na dissolução da identificação com a região explicitada por Góis (2005), pois retira do ambiente diversos elementos que contribuíram para a construção da identidade dos habitantes, ou seja, ocorre uma desapropriação cultural daquele espaço. Prédios históricos sendo demolidos para dar lugar a empreendimentos, moradores sendo compelidos a venderem suas casas às empreiteiras, a própria prefeitura alterando estrutura natural da praia do Mucuripe e arredores - tudo isso para adequar o que antes era uma vila de pescadores, ao centro urbano que se tornou o litoral de Fortaleza. Esse foi o principal problema apontado por Diêgo di Paula, que observa as mudanças cada vez mais frequentes na sua região que ocorrem em prol do bem de outros que não os habitantes do local.

Outro ponto evidenciado pelo entrevistado é a atenção seletiva por conta dos órgãos públicos em relação às diferentes partes do bairro. Enquanto a área turística recebe bastante cuidado pela prefeitura, existem setores do bairro que são negligenciados por ela, partes onde nem mesmo saneamento básico está presente, além do fator da insegurança, que está presente praticamente em toda a região do bairro, exceto alguns pontos turísticos. Existe um outro problema na região que é o aterramento do mar do Mucuripe, pois ao alterar a estrutura da praia, os órgãos governamentais impactam diretamente na vida dos pescadores da região. A

tradição da pesca é algo que faz parte da história do local, afinal, tratava-se de uma vila de pescadores. Tudo isso reforça a ideia de que o Mucuripe está sempre sob holofotes, recebendo atenção de vários lugares, porém este holofote ilumina apenas a superfície do que representa a comunidade em questão, tirando o foco de uma grande parte que permanece invisível tanto aos olhos do público quanto da gestão, o que contribui para que os problemas da região se perpetuem através do tempo e desenvolvam outros ainda maiores.

Conclusão

Com essa oportunidade de conhecer um pouco sobre o bairro e população (a distância e seguindo todos os protocolos de segurança sanitária por conta da pandemia do coronavírus) do grande Mucuripe e intercalando com alguns conceitos visto no decorrer da disciplina - como América profunda e psicologia da libertação de Martin Baró - compreendemos a necessidade de uma maior valorização da cultura daquele bairro além do que uma maior assistência dos governantes para com a população pobre que ali reside já que resultado de uma forte especulação imobiliária a parte do bairro onde as pessoas de classe média alta moram é urbanizada e tem o mínimo oferecido pelo governo para viver com dignidade enquanto a outra parte do bairro observa a marginalização do seu ambiente de moradia enquanto lhe falta o essencial, como saneamento básico por exemplo.

Deixo aqui a fala de nosso entrevistado que ao se referir às residências com maior proximidade com a praia diz: “- Mora mais perto quem paga mais!” e não por coincidência são casas da parte privilegiada do bairro.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. Contribuição do pensamento de Rodolfo Kusch para o desenvolvimento de uma psicologia existencial Latino-Americana. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 25, n. 1, p. 73-82, abr. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25.7>.

COELHO, Maria Josele Bucco. O FEDOR DA AMÉRICA PROFUNDA: rodolfo kusch e o dilaceramento em josefina plá (1903-1999). **Boitatá: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, Londrina, v. 22, p. 34-48, dez. 2016.

CEARÁ. ANDRÉ AGUIAR NOGUEIRA. . **Ceará Pacífico: o Mirante que resiste e encanta**. 2016. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2016/03/08/ceara-pacifico-o-mirante-que-resiste-e-encanta/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SÁ, Gildácio. **Portal da História do Ceará**. 2015. Disponível em: http://portal.ceara.pro.br/index.php?searchword=mucuripe&ordering=date&searchphrase=all&areas=527,528,529,530,531,532,533,534,535,536,537,538,539,540,541,542,543,544,545,546...606,607,608,609,610...367,395,396,397,398,399...314,315,316,317,318,319,320,321,328,329,330,331,332&Itemid=133&view=pesquisa&option=com_pesquisa. Acesso em: 23 mar. 2021.

LEITE, Sylvia. **Lugares de memória**. 2020. Disponível em: <https://www.lugaresdememoria.com.br/2020/02/mucuripe-vila-de-pescadores-que.html>. Acesso em: 23 mar. 2021.

GÓIS, C.W.; OLIVEIRA, L.; GÓIS, S.; SILVA, A. O conceito de América profunda e suas implicações na Psicologia Comunitária de base latinoamericana. In: XIMENES, V., SARRIERA, J, BOMFIM, Z., ALFARO, J. (Org.). Psicologia Comunitária no mundo atual: desafios, limites e fazeres. 1ed.Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, p. 235-250.

XIMENES, Verônica Morais *et al.* Pesquisa e intervenção a partir da realidade social: desvelar das implicações psicossociais da pobreza. In: STELLA, Claudia (org.). **Psicologia Comunitária: contribuições teóricas, encontros e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 87-110.

GÓIS, C. W. Cap. 3. **Atividade Humana**. In: C. GÓIS. Psicologia Comunitária: atividade e consciência. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire, 2005, p. 75-90.

LIMA, Deyseane; BOMFIM, Zulmira. **Mapeamento psicossocial participativo: Metodologia de facilitação comunitária**. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 30, n. 71, p. 679-689, out./dez. 2012